

4. Encontro com Whitman

*Uma originalidade arrebatadora
é o componente crucial do gênio literário,
mas essa mesma originalidade é sempre canônica,
à medida que reconhece e interage com os precursores.*

Harold Bloom

*He most honors my style
who learns under it to destroy the teacher*¹¹

Walt Whitman

Registra-se 1914, justamente o ano da publicação de *Orpheu*, como a época do primeiro contato de Pessoa com a obra de Walt Whitman. É reconhecida por críticos a enorme influência que esta teria na poética de Fernando Pessoa, tanto do ponto de vista estilístico quanto temático. Eduardo Lourenço¹², no ensaio intitulado *Walt Whitman e Pessoa*, nos ensina que a leitura de *Folhas de Relva* causou uma ‘*perturbação absoluta*’ em seu processo criativo, e acrescenta:

Do encontro de Pessoa com a poesia de Walt Whitman surgiu, [...] a totalidade da arquitetura heteronímica. [...] Mas os *heterônimos*, tais como *textualmente se concretizaram*, são o resultado da deflagração do universo de Pessoa confrontado com o universo de Walt Whitman. Alberto Caeiro e Álvaro de Campos foram, para Pessoa, a maneira como *integrou*¹³ o impacto fulgurante de Whitman sem se desintegrar ao seu contato.

Tal desintegração realmente não poderia ter ocorrido, pois, mais que uma influência, o que se passou entre os dois poetas foi uma verdadeira conexão que estabeleceu um vínculo para além do espaço e do tempo. Não teria sido necessário nem que, se a cronologia assim o permitisse, eles se tivessem encontrado, tamanha a envergadura da comunhão de sensibilidades evidenciada entre os dois. Álvaro de Campos, de certa forma, elege-se uma espécie de continuador da obra do bardo americano, quando, em *Saudação a Walt Whitman*, encosta a morte de um ao

¹¹ Mais honra meu estilo quem aprende como destruir o mestre.

¹² LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa editora, 1983, p. 157-261.

¹³ grifos do autor

nascimento do outro: “*E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias*”. Na realidade, sabemos que Álvaro de Campos “nasceu” em 1890 e que Whitman só viria a falecer em 1892.

No entanto, é justamente essa fusão que vai gerar um prolongamento, mas também uma fissura, um rompimento com o “cantor da alma e do corpo” – como Whitman também é conhecido –, pois é claro que, em se tratando do gênio que foi Fernando Pessoa, ele teria que ir além, que *trair*, superar o seu mestre, obedecendo, afinal, à exortação do próprio Whitman citada em nossa epígrafe.

Retomando o ensaio de Lourenço, gostaríamos de ressaltar o fato de ele se referir aos dois heterônimos como “*filhos de Walt Whitman*”, pois o que ocorreu a partir da leitura de *Leaves of Grass* não foi “mera influência formal,” embora nesse plano ninguém o tivesse ultrapassado, mas sim uma perturbação absoluta no mecanismo criador e na visão de mundo de Pessoa. Tentaremos desvendar, então, até que ponto se estabelece essa ‘filiação’ ou esse rompimento com ela, e de que maneira cada heterônimo absorveu e devolveu ao mundo essa união, segundo as características próprias de cada um.

Campos, no qual o poeta põe toda a emoção que não ousou sentir como ele mesmo, eufórico e desvairado, no afã de “*ser tudo de todas as maneiras*”, pinta um desenho da confusão da civilização moderna e de suas contradições, para, assim, esquecer-se de si mesmo e da enorme angústia existencial que o atormenta.

Caeiro, mais contido e “objetivo”, comunga com Whitman nos aspectos mais relacionados à observação da natureza, num moderno panteísmo iconoclasta, enquanto, paralelamente, observa não só o mundo a sua volta, mas também, metalinguisticamente, a sua obra.

Essas duas vertentes inspiradas pelo ‘velho’ Walt serão abordadas com mais detalhes e oportunamente exemplificadas em nosso trabalho.